

151A

MAIÃO - Uma fôrça. Uma espécie de prego. Manteve assim.
PERSONAGENS - DO CARMO
BARBOSA

De novo está despregando com grande esforço as madeiras do fôrço. Com a ajuda de um fôrço, acaba de despregar uma tábua, leva-a para o chão próximo ao patíbulo, retorna, respira, põe um pouco, dá uma bebida com vinho que estivera em cima do patíbulo, torna a colocá-la ali, e começa seu trabalho.

Vai despregar uma outra tábua. Fôro, um pouco cansado, olha para o alto, e vê o nó da corda. Resolvia ir até lá com a ajuda de um calote, que possivelmente antes servira para a execução. Ele tenta desprender a corda, não consegue.

Do Carmo - (Passando a corda) Ah! puta. Esta era puta e pesado.

Tenta puxar a corda para tirar do fôrço, ela cede, ele puxa mais, não consegue. Acaba caindo por cima das tábuas fazendo barulho. Entra um guarda com roupa de época.

Guarda - (Entrando) Imperador! Você quer se aproveitar a vida?

Do Carmo - Desculpe Barbosa. Mas essa corda, queria aproveitar...

Barbosa - Aproveita na tua passagem sem corda. É gente ali e ali, quer a vida.

Do Carmo - (Levantando) Pera aí, Barbosa, eu...

Barbosa - Pera aí não. Que é que tá, eu falei ali a madeira.

Do Carmo - Pronto, desculpe, eu não sabia, não...

Barbosa - Não sabia o que? Não sabia o que?

Do Carmo - Ah, não sabia que você ia querer a...

Barbosa - Isa querir a qual? O que é que eu quero? Fala do Carmo, fala! Eu não quero nada. Olha do Carmo, eu não te pedi nada. Quem é que pediu? Quem é?

Do Carmo - Pera aí Barbosa, deixa eu falar, rapaz eu...

Barbosa - Eu sabia, eu metei com o certo, isso é que dá.

Do Carmo - A corda Barbosa, a corda...

Barbosa - Que é que tem a corda?

Do Carmo - Eu não sabia que você ia querer a corda.

Barbosa - Éra que que é que eu quero...

Do Carmo - Então... a corda.



Barbosa - Não deu. Chega. Agora não deu nem madeira, nem corda, nem guarda nenhuma.

Do Carmo - Para aí. Trato é trato. Fica com a corda, pronto. Mas a na - deira é minha. Trato é trato. Da paguê.

Barbosa - Fala baiano, seu peço. Quer se comprometer?

Do Carmo - Tá Barbosa, desculpe, eu não falo nada, pronto. Fica com corda.

Barbosa - (Quase explodindo com raiva) Do Carmo, eu não quero corda, eu quero. Dá-me uma corda, enfim... e fala baiano, fala baiano!
Acaba logo com essa corda.

Do Carmo - É que eu pensei...

(Pausa. Barbosa está nervosíssimo. Do Carmo começa a empilhar a madeira que acabou de tirar no carrinho. Pega o vasilhame que estava em cima do patifeiro, e estende para Barbosa. Este recusa).

Do Carmo - Vai Barbosa. Ah, desculpe porra.

Barbosa - (Ainda ofendido) Não...

Do Carmo - Vai rapaz. Só tá você de nervoso.

(O guarda não pega o vasilhame, dá a volta no patifeiro e come. Depois de um tempo, respireira. Sobe para Do Carmo, pega o vasilhame e bebe.)

Barbosa - (Depois de uma pausa) Puta fria. (Bebe mais um pouco)

Do Carmo - Eh, eh, eh, eh, "leu" Barbosa, eh...

(Barbosa estende o vasilhame para Do Carmo, que dá uma gelada).

Barbosa - Tá bom Do Carmo, tá bom. Agora vê se acaba logo com isso.
(Vai saindo.)

Do Carmo - Ô Barbosa? (Barbosa pára.)

Possou ficar com a corda?

(Barbosa vira, vai engrossar com Do Carmo. Os dois se olham. Do Carmo ri. Barbosa ainda ri de também. Os dois riem. Ficam ali, se olhando um tempo. Pausa.)

Barbosa - Tem fumo aí, Do Carmo?

Do Carmo - Tanto pronto já.

(Tira uma sacolinha com alguns cigarros de palha. Dá para Barbosa. Acaba de para ele.)

Barbosa - Puta fria.

Do Carmo - Santa aí. Já acaba com esse troço.



Barbosa não temo mesmo que fazer, nesta no carricho. Do Carmo volta para o trabalho.)

Barbosa - Futa frio. Futa de vida. (Pega mais bebida.)

Do Carmo - É isso Barbosa, é isso. Tô enchendo o carro. Você não é muito nervoso.

Barbosa - É não é pra estar? Ficar aqui paparicando covilão?

Do Carmo - Eu? Covilão? Você que tá o empurrão, e eu que sou o covilão? (Rindo) Que é que tá na Barbosa.

Barbosa - Empurrão é sua não.

Do Carmo - É não deu? Eu é que não tira nem aqui.

Barbosa - Siga aqui, eu só olho, porra, só olho, e assim mesmo de longe. Montando guarda, de longe não?

Do Carmo - Ah, não vem tocar o cantinho não, porra, não vem.

(Pausa. Barbosa olha para Do Carmo. Levanta a perna e mostra a bota.)

Do Carmo - Que é que tem?

Barbosa - Siga, siga.

Do Carmo - Tô vendo que tá um chipreiro.

Barbosa - Nada.

Do Carmo - Desce a perna um pouco.

Barbosa - Deixa de porcaria, é porque eu tô de pé desde ontem.

Do Carmo - Eu é que não ligo.

Barbosa - Eu ligo. É eu não ligo, isso mesmo.

Do Carmo - Eu não. Nem olho pro seu pé. Sabe que é mesmo? Falei agora, é mesmo. Não olho pro seu pé.

Barbosa - Eu olho. Não sei porque, mas tem hora, que é só pra entre eu olho.

Do Carmo - Eu olho pro chão. Pro chão, não. É o meu trabalho. Já conheço cada maculeira, buraco, rachadura, até quando o chão muda de cor... isso eu olho, é por isso que eu não paro entre, e ô... (Bebe e oferece para Barbosa.)

Barbosa - Não, não posso.

Do Carmo - Que é isso, pega.

(Barbosa hesita, pega, e dá uma goleada.)

Do Carmo - Tá vendo? Quem mandou.

Barbosa - Quem mandou o quê?

Do Carmo - Eu bebi e não dou satisfação pra ninguém. Até ajuda no meu trabalho.

Barbosa - Eu não não.

Do Carmo - (Furto) Saio que já saio entalado. É o que tiver na frente ao auto. Porco um dia, cois, um lugar... Tem um negócio para-
do lá... roda, cassete, cachorro, fugão, vai lá. No terceiro
dia, eu carrego, não quero nem saber. Pra mim é sobre. (Sil.)
(Tempo)

Barbosa - Tô em pé que já perdi a conta.

Do Carmo - Tô porque quer. Agora você está aptado. (Furto)

Barbosa - Não deu nem pra ir eu para ouvir a não.

Do Carmo - Vai rapaz... você vai ficar fazendo o que aqui? Não ficou
ninguém, nem vem ninguém aqui.

Barbosa - (Levantando) Logo eu não posso fazer. Mandaram ficar, eu fi-
zi.

Do Carmo - (Beirando) Se é pra me fazer companhia... não deu mais nem
um tostão...

Barbosa - Siga aqui, não é por isso que eu...

Do Carmo - Tava brincando, que é que há? (Tempo)

Barbosa - Eu por não tava eu pago, que nem ali, que nem todo mundo.

Do Carmo - É quê?

Barbosa - Saio, dançou, lánda lentamente. Vai até o fundo. Fica lá.
De costas?

Do Carmo - Tem nada não. Eu avisa tua não.

Barbosa - (De costas) O homem era incrível.

Do Carmo - Quem?

Barbosa - O homem. O enforcado.

Do Carmo - Que é que há Barbosa? Você tá muito nervoso. Não é a primei-
ra vez. Que é que há "eu" guarda?

Barbosa - (Virando-se) Não eu chamo de "eu" ninguém. Eu tô aqui na função
de um favor. Não esquece isto.

Do Carmo - Eh, favor não "eu" Barbosa, tu te pagou via? Você é que
não esquece isto.

Barbosa - Siga, fale baixo, não, fale baixo.

Do Carmo - Então pára com esse negócio de "tô fazendo um favor". Pra
cima de mim não. (Furto) Você pensa o que? (Barbosa não res-
ponde) Pensa que eu queria estar aqui, estando madeira de es-
torcado?

Barbosa - Anda com isto.

Do Carmo - Não... é sim. A gente quando fala tem que ver os dois lados.

Barbosa - Queris eu vou pagar esta madeira no preço dela.



Do Carmo - Eu sei. Não precisa jogar na cara, mas é que eu te dei. É mais do que a merda que você ganha por nós, para ficar aí de escravo.

Barbosa - Não joga conversa.

Do Carmo - Pense o que, essa hora, com esse frio, eu queria mesmo estar lá em casa, grudado por trás da Marta, com o "caco" cheio e, ai... ai... ai... ai... ai... ai... (Pensa)

Barbosa - É homem era inocente.

(Do Carmo continua seu trabalho.)

Barbosa - Eu já vi gente de mais pendurada nesta corda...

Do Carmo - (Olhando na madeira) Madeira da boa casa, hein?

Barbosa - Eu sei só pela cara, quem é inocente, quem é culpado.

Do Carmo - Se botar... acabo o quarto, ainda faço um cercado no quintal...

Barbosa - ... só pela cara eu sei.

Do Carmo - É Barbosa, (Rindo) não vai dar segunda mão?

Barbosa - (Continuando) ... só pela cara.

Do Carmo - Porra, o que teu comandante vai dizer, hein?

(Barbosa não responde.)

Do Carmo - Eu já vi vindo até a cara dele: "Cadê a força? Cadê a força?"
Oli malá!

Barbosa - Mão Do Carmo, pãe.

Do Carmo - (Continuando) "Cadê a força que estava aqui? Cadê a força que estava aqui?" (Grupe de vir)

Barbosa - Sita aqui seu negro, você não tem o direito, não tem. Toma.
(Pegando o dinheiro do bolso) Agora fica com teu dinheiro - não é sófia, é agora sim, simo.

Do Carmo - Para aí, eu tava brincando, a gente é amigo. Porra, eu nunca te vi assim. Pronto, eu paro. Não fala mais nada. Pronto.

Barbosa - Ele é por uma merda qualquer, que você me deu, que já pode vir assim, "eu faço a vontade".

Do Carmo - Oli aqui...

Barbosa - Eu podia pegar essa madeira e ficar pra nós, eu podia pra... siho, eu podia fazer... jogar fora, tomar fogo. Você me pediu pra acabar a merda do seu bico, e eu dei, agora não vou ficar não, não vou.

Do Carmo - Não chama minha casa de troco.

Barbosa - É tanta, tanta, É tanta ali... É tanta, Agora decide: acaba de
mas temo os seus olhos, temo de não ver o desaparecimento, eu
se apanhá, não quero, não faço, não faço.

(Ivete-se ao pedras. Um lamento. Uma coisa insólita. Os dois param).

Barbosa - Tem razão?

De Carlos - (Não responde)

Barbosa - Agora não sabes feito a me de Deus, acaba logo com isso.

(Outro vez o lamento. Os dois se olham. Silêncio. De Carlos leva uma
 coisa trêmula para o carrinho).

De Carlos - Da boa (latendo na madeira) Isso é da boa.

Barbosa - (Depois de v a pausa) Tem muita vontade... muita vontade.
Quero a tua... toda eu quero... quero aqui e ali, dia
para que me de vontade...

De Carlos - Mas, alguma não faz.

Barbosa - Muita vontade... muita vontade... por isso é que quero: dar a
anchar a força.

De Carlos - (Depois de v a pausa) Tudo certo?

Barbosa - Tudo. Cada parte expulsa pela cidade desde a madrugada de
hoje. A noite é não tirar... não tirar... não tirar.

De Carlos - Agora eu é que digo para você calar a boca Barbosa.

Barbosa - (Continuando) o é o lamento dentro na vóteira da construção.

De Carlos - Você não fala Barbosa... não fala falando isso aí não... eu
 sou teu amigo, agora tu: gente que mostra isso e estende di-
 ferente. (Continuando) Agora vai, e ajuda pra acabar logo co-
 isso. De tu só, não parte disso aqui.

(Outro lamento)

Barbosa - Tem razão?

De Carlos - Eu não sei nada.

Barbosa - Tu: ajuda chorando

De Carlos - Tu: nada não Barbosa

Barbosa - Tu: ajuda chorando, você está triste.

De Carlos - É o vento, eu ajuda.

(Barbosa começa a ajudar De Carlos)

Barbosa - (Apertando) você tá triste. Eu devia te ajudar também. Tu tá
deixa aqui pra não voltar.



Arborea - Por aí não?

Caros - Por aí, por aí.

Arborea - Quería a por

Caros - Por aí, "ava" guarda

Arborea - Alto ao caso de "ava" guarda

Caros - ...ao você é guarda porra

Arborea - É você não me a porra

Caros - Guarda, você...

Arborea - Guarda não se chama de porra guarda

Caros - Tá lá, Arborea

Arborea - (Depois de um tempo) Você precisava ser. Parceria sua festa.

Caros - Não a guarda aí (Arborea dá)

Arborea - (Continuando) É ele não, Parceria que estava longe.

Caros - Quem?

Arborea - O homem... o informado...

Caros - Porra, pára de falar nisso

Arborea - Agora tá aqui, não. Na hora parceria sua festa. Aqui, com
guarda, não sabe se lá. É ele não tá lá. E tanto se por ele
por lá e por lá... por lá... lá, não, não a porra... não
não...

Caros - (Continuando) ai não ele não.

Arborea - Se não sei. Não sei que a guarda... Se não sei. Ele guarda, não
se a guarda de do Caros, não na hora! Guarda, Arborea. (Logo
se não! Não mais guarda! (O Caros não responde) Se Caros, tá
guardando, não mais guarda?

Caros - A guarda não aqui e não tá não mais aqui. A guarda não
não e guarda, e guarda e guarda.

Arborea - Tanto que ficar aqui.

Caros - Tanto e que Arborea?

Arborea - Não sei. Arborea... se não mais (O Caros não responde) Se não mais
na hora Caros?

Caros - Deus!

Arborea - Por quê?

Caros - Deus é Deus?

Arborea - Por que Deus?



Do Carmo - Quem é que vai trabalhar?

Barbosa - Tô dizendo que eu preferia ser fustigado... verda... eu não sei... trêzes! Já é coisa...

Do Carmo - Não dá... eu, você não dá pra conservar. É Barbosa, presta aí, e fica calado. Cêta, vai decidir, eu vou lá e te chamo.

Barbosa - Você... você é que não dá... você tá com quantos anos? Eu que pergunto... cêta não... vai calar e que pra seus filhos? Mas burro pra pensar esta coisa você tem... você sabe falar de quê? "Leche e café, e aí... aí... aí..." "Agora é dia, que é que para a coisa?"

Do Carmo - Quem é que para e quê?

Barbosa - É... quem para é burro... burro é que para.

Do Carmo - É você que lava roupa de cavalo.

Barbosa - Quem falou?

Do Carmo - Lava, lava não, que eu já vi. É de lava e tudo.

Barbosa - Eu sei lá, escreva seu nome, que é que tá, não para a coisa.

Do Carmo - Deixa que lavar roupa de cavalo.

Barbosa - Lava porque eu quero. Eu gosto de bicho...

Do Carmo - Porque quer não... ou lava, ou lava no porco.

Barbosa - Fêta o respeito, porra, cêta o respeito.

Do Carmo - Não... tá bom... eu tô falando. Eu quero conservar contigo, mas não dá... que é que tá? (Pausa) Pronto desculpa, vai. Já vou lá. (Volta para o trabalho) (Vai até sua sacola e pega um pedaço de linguiça)... Quer?

Barbosa - Quem é que pede.

Do Carmo - Tá lá pinda, vai.

Barbosa - Você vai comer?

Do Carmo - Não quer não?

Barbosa - Você vai comer aqui?

Do Carmo - Que é que tem?

Barbosa - Quem é que pede? Tá no ar?

Do Carmo - Olta na boca! Já vai.

Barbosa - Acho interessante isso...

"Do Carmo - De ta daí, você não quis

Barbosa - Não... quer, aqui?



Do Carmo - Vou fazer nada?

Barbosa - Apesar... é na região de respeito... vai logo, é logo...

Do Carmo - É por causa do lugar? Ah... (olha) Melhor nada?

Barbosa - Apesar... é outra coisa... deixar as pessoas, tá bom... a maioria
da terra do Carmo, não se vai. Depois a pessoa, você vai ti-
rar uma coisa dessa pessoa e vai querer estar aqui. Não é que
não?

Do Carmo - Tá bom. Deixar não pode, (silêncio)

Barbosa - É isso (silêncio) Ah, o nome a gente pode falar, não o nome.

Do Carmo - Que nome?

Barbosa - (Apontando a corda) e dói.

Do Carmo - (Tranque) Alguém não faz.

Barbosa - É. Alguém não faz... (olha no carrinho)

Do Carmo - Depois a sua intenção, não são trevas.

Barbosa - É... você não é treva.

Do Carmo - Sua testa ou perder a ferida dessas?

Barbosa - É... você não é testa.

Do Carmo - Porra, pira de respeito todo o que eu falei

Barbosa - Tá pensando. Ainda não sou isso (Tranque)

Do Carmo - Vai, se ajuda aqui, tá falta essa trave de um

(Barbosa vai ajudar Do Carmo a despregar a trave, a que faz a oporção, en-
tra-se e laçatol).

Barbosa - Quem agora?

Do Carmo - Você está é comendo Barbosa, se ajuda aqui.

(Barbosa ajuda a se ajoelhar, um quando chega perto da trave, pira).

Do Carmo - Que é? se ajuda.

Barbosa - Não posso.

Do Carmo - Que é que te deu agora?

Barbosa - Não sei... não quero.

Do Carmo - Então a gente não vai daqui. Bom.

Barbosa - Piora Do Carmo... é melhor não.

Do Carmo - Melhor não é quê?

Barbosa - Piora e dita não são dito.

Do Carmo - Piora é quê?

Barbosa - Cão responde!

Do Carmo - Fala! Fica o quê?

Barbosa - Eu sei... mas é melhor parar. Um a um, talvez! Lave teu di-
cheiro.

Do Carmo - Tá de porre ou tá brincando.

Barbosa - Ótimo (Tira o dicheiro) Tu não devia... eu não devia...

Do Carmo - Eu é assim, não, que é que você pensa!

Barbosa - Eles que se arranja, com suas cordas... jogo no pólio... eles
que se arranja...

Do Carmo - Eu. Guarda o dicheiro, deixa fora. Faz o que você quiser, mas
eu não sou colega.

Barbosa - A madeira vai ficar.

Do Carmo - Que é isso Barbosa, você tá cansado.

Barbosa - Eu, eu vai ficar.

Do Carmo - Você mesmo disse que eles não gostam mais ver eu, um pedaço
de eu por aqui. Que podia dar ruim. Ajuntamento.

Barbosa - Tu não disse nada.

Do Carmo - Não, disse!..

Barbosa - Disse só, que mandava sair eu, a madeira.

Do Carmo - Porque podia dar ruim... disse também

Barbosa - Eu, eu não disse nada.

Do Carmo - Tá, então não disse. Disse só da madeira, que podia até fi-
car pra você.

Barbosa - Exatamente!

Do Carmo - Vem cántico agora Barbosa? Quantos você assistiu? Quantos!

Barbosa - Eu... não devia... não devia... quis te fazer um favor.

Do Carmo - Aqui favor! Mas não lava outra. Tu não é pra você, se ninguém
te pediu satisfação da madeira, o que é então? (Pausa) É ag-
do? (Barbosa não responde) É nada? (Sil) "Seu" guarda tá com
nada! Você tá é com nada Barbosa. (Pausa) Quer ver parar com
esta frescura? (Sil) eu calto, agarro na corda e começo a bar-
lançar! Ai...ai...ai...ai...ai...ai...

Barbosa - Deixa daí.

Do Carmo - Ai...ai...ai...ai...ai...ai...eu guarda.

Barbosa - Deixa...ai seu peto!

(Do Carmo pára de brincar, não continua a agitar a corda, balançando).

- Barbosa - Fato, secreto, sua respeito, Deusa, ã.
- De Carlos - Vou, vou te tirar "seu" guarda, vou te tirar "seu" guarda.
- Barbosa - Acaba o trato. Acaba. Deusa daí.
- De Carlos - Não desça, e vou te tirar. Quero ver o João.
- Barbosa - (Começa a tirar as cadeiras que estavam no carrinho.) Não tem mais nada. Inocente! (Vai jogando a cadeira no chão.)
- De Carlos - (Ele ainda ainda) Largo. Largo a cadeira.
- Barbosa - Toma tua dinheiro. (Joga o dinheiro na mão de De Carlos.)
- De Carlos - (Polando os dedos) Opa! Trato é trato. Vai ficar com a grana.
- (De Carlos pega o dinheiro do chão, e vai em direção a Barbosa, que está tirando a cadeira do carrinho. Barbosa dá um tapa na mão de De Carlos. De Carlos, leu de raiva, se abraça com Barbosa.)
- De Carlos - Vai engolir a grana. Vai engolir.
- Barbosa - (Atravado pela mão de Carlos) Inocente... não quero mais... não quero.
- De Carlos - Vai engolir. (Dá um empurrão em Barbosa. Este vai, pega o ferro de soltar as tábua e desça (De Carlos.)
- Barbosa - Vai embora De Carlos. Eu te sou com isto. Eu não quero... sou fog daí o, vai... vai...
- De Carlos - quero a cadeira.
- Barbosa - Não tem mais nada.
- De Carlos - Vai dar não.
- Barbosa - Não tem mais nada...
- De Carlos - Eu preciso dela.
- Barbosa - Vou querer...
- De Carlos - Você não é maluco.
- Barbosa - Vou querer...
- De Carlos - Depois do trabalho que eu tive.
- Barbosa - (Deixa ir. Acaba. Vai a hora...
- De Carlos - Só com a cadeira.
- Barbosa - Eu te dou em jeito.
- De Carlos - Só com a cadeira.
- Barbosa - Vou querer...
- De Carlos - coisas que eu faço. (Pausa).
- Barbosa - Fala o quê, seu patol.
- De Carlos - Tudo.
- Barbosa - Tudo o quê?
- De Carlos - Tudo o que você falou pra mim.
- Barbosa - (Depois de um pausa) Não falei nada.
- De Carlos - Falei que falei.
- Barbosa - proibido... eu não falei nada.
- De Carlos - (Inocente) Inocente... é? Inocente Barbosa? (sil)
- Barbosa - Não vai... nada.



Do Carmo - Você disse que a boneca era inocente. (Pausa) Disse ou não disse?

Barbosa - Bebida. Tô cansado.

Do Carmo - Mas disse... e eu até te avisei... não avisei? (Pausa) Mas teu amigo. De dentro, até que mandei você calar a boca... que eles podia ouvir... entender diferente... a gente sabe como é isso.

(Silêncio. Barbosa vai abalando o ferro.)

Do Carmo - Precisava mais briga toda?... agora não, você e eu faz uma coisa dessas. Eu não sou jeito assim... (Pausa. Barbosa joga o ferro no chão.) Ainda te peguei adiantado... (Começa a recolocar as tábuas no carrinho) Ainda tô te fazendo no favor. Você é que devia me pagar...

Do Carmo - ... Eu, fazendo um serviço desses. (Oferece um cigarro a Barbosa, que não aceita. Tã de olho fixo no chão.) Que é que você tá? Tô nervoso, muito nervoso. (Silêncio. Do Carmo acende seu cigarro. Calosamente. Grande pausa.) Eu vi tudo. Desde o começo. Desde o padre encaminhar a coisa. Tudo. Vi tudo.

(Barbosa levanta a cabeça e olha para Do Carmo como se o visse pela primeira vez.)

Do Carmo - Te vi também, lá na rubada da guarda. Vi o carrasco, eu vi o laço. Eu vi os olhos das pessoas. Eu vi quando o pretão pulou no colo dela para ajudar a enterrar mais depressa. Eu vi. (Pausa) Vi até, seu Barbosa. Eu sei o que você está sentindo. Agora quer saber?... (Lamentoso, irônico)... Eu não vi nada. Eu não vi. Ferindo.

(Do Carmo pega o dinheiro do chão e mete no bolso de Barbosa. Ele pega a paga e carrinho e leva até junto da trave. Agora só está a aranha, a trave do cade e a corda pendurada.)

Do Carmo - Não é assim não. (Aponta a corda) Por que?... eu e você? Dois fedidos?

(Grande pausa. Do Carmo vai até a estaca, encorruja por ela e senta no chão. Pausa. Ele se levanta.)

Do Carmo - sabe qual é o teu mal? (Barbosa vai pegar o sapato no chão). Você se apavora lá tão.

Barbosa - Irreza e caracota, língua chã, a língua. Tá mas ando e não sei.

Do Carmo - Que é que foi agora?

Barbosa - Não sei.



- Do Carmo - Que é que te é?
- Barbosa - Tô na pé grande outra.
- Do Carmo - Benta! Tô a. pé porque quer.
- Barbosa - Parado preso. (Fica tentando ajeitar a bota.)
- Do Carmo - Benta. Já vou lá. Anão esse cigarro e vou, falta só aq
se estava. Não te. pensa. as.ó?
- Do Carmo - ... Você vai ter que ficar aqui até de manhã. (Ri) "Nada
de reatária, nada de ajustação".
- Barbosa - Papai! Olanta, tira a bota, tira no pare de bolas e começa
a limpar a bota. Coope, não. (Lança as cagando de novo, lá,
as.ó).
- Do Carmo - Pode folga dobrado.
- Barbosa - Eu tô cedo. Vou ter só amanhã, e sibe lá. (Fazendo que
co. ver a.ó. (Do Carmo faz o.))
- Barbosa - Demora de na tapol a.ó a viera a cara. Que é que eu
sinto na.ó. Trabalho de manhã.
- Do Carmo - Pode bota.
- Barbosa - Pra ser o quê? Catador de solta que não vou!
- Do Carmo - Melhor que ser covão.
- Barbosa - Fiquei de longe, não toquei na bota.
- Do Carmo - Não tocou agora, mas sua outra vai tocar.
- Barbosa - Lava essa bota.
- Do Carmo - Então não vai? Não dia mesmo dia...
- Barbosa - Lava eu não faço.
- Do Carmo - Foi. Eita mandei, você amarra a corda, e dá até a apertada.
- Barbosa - Eu não fa.ó, corda.ó.
- Do Carmo - Eu é que não faço.
- Barbosa - Eu é que não sei fazer.
- Do Carmo - Essa cadeira é tua? (Ri) Tô te fazendo um favor, já falei.
- Barbosa - Quem tem pra si. (Ri) Tô na.ó. Eu não quero ser
na.ó a.ó. ripo. (Ri) Não sei como é que vou
saber.
- Do Carmo - Já te falei. Podia vai olhar cavalo deado?
- Barbosa - Pois estou bota. Vou a.ó. de branco. (Tapa) Vou
largar essa bota.
- Do Carmo - Teu pai é esse. Você fala e se apertada. Larga de
vota.
- Barbosa - Pra fazer o quê?
- Do Carmo - Sei lá, inventa! Vai vender coisa.
- Barbosa - Se eu fosse covão, largava na.ó.
- Do Carmo - Larga!
- Barbosa - Não dá. Tô a.ó.
- Do Carmo - Que é que tá fazendo? Você quer. Que.ó, que.ó.
- Barbosa - Fala na.ó. bota.
- Do Carmo - Você gr.ó. Bota, cagando, lavar apertado, "Nada de reatária,
mandei a.ó. (Ri) Não sei como é que vou
saber."



- Barbosa - Vai a guarda!
- Do Carmo - (Continuando) Depois tá a pregar... depois de sei, você tá de exposto... para calar! Leva os bonecos, avisa a porta para manter a boca... e não deve ninguém.
- Barbosa - Você tá de porra.
- Do Carmo - Olha a idade Barbosa. Você precisa parar.
- Barbosa - Fica quieto Do Carmo, não sequeia.
- Do Carmo - É não rapaz! Sou teu amigo. Tem que parar. (Rir) É, vai na pregar, mostra a boca, depois taca a espada. (Rir, Tempo)
- Barbosa - A não vai se explicar.
- Do Carmo - Cala e leva ela para morar junto.
- Barbosa - Não é isso. Eu tinha que ir na casa. Pode dar confusão pra ela.
- Do Carmo - É recado? Eu passo lá e levo.
- Barbosa - Do Carmo escuta. Fala no pouco. Você tá de porra!
- Do Carmo - Alô, eu levo sim, que é que tem?
- Barbosa - Escuta... A minha não... não...
- Do Carmo - (Continuando) Ela tá doente? Tá precisando de alguma coisa?
- Barbosa - Não, ela não tá doente. Ela... (Ela) tá contida! orda de apressado! Que é que eu tinha que se meter.
- Do Carmo - Você é que está de porra. Fala de choramingar e explica o que é que tem a guarda da tua não.
- Barbosa - A tua é que é merda. Olha o respeito, não tá hein?
- Do Carmo - Assim de falar, desculpa, pronto. Que é que tá, fala? Tá chã tá doente, eu nunca te vi assim. (Tempo) De não é do que é que é? Sou teu amigo ou não sou?
- Barbosa - (Apelando) É esse enforcado! Essa puta dessa enforcado! (Pausa) Minha não se viu na casa. Não fala direito coisa. Fala e esconde na casa. (Pausa) Desde que eu falei que essa puta lá se ver enforcado, orda.
- Do Carmo - Barbosa...
- Barbosa - Tá até aqui. (Pausa) Até na minha rua tá sendo olhado na vizinhança como se fosse o catão... como se fosse a puta para fora a delirante. Eu não tenho nada com isso... Sou lá, sei o quê? Citar resto! Ser carregador de boca de riso! Sou fado o quê? Porra, eu nasci lá... que é que não...? Lá eu não tá certo... era só o que faltava... minha rua... (Pausa) Conto tudo, tudo lá...
- Barbosa - ... lá puti, tudo sendo passava a não na minha cabeça... (Pausa) Isso tá certo? Era só o que faltava... (Pausa) Fico pensando, saio do trabalho e fico pensando... pra chegar de noite na casa, pra ninguém se ver... um bom dia, um bom dia... tudo, que é que eu fiz pra isso...? Nada... Sou lá, sei o quê!
- Do Carmo - Handa a guarda a vizinhança. É, na minha rua ninguém...
- Barbosa - Não é... não é Do Carmo. Não é assim.

- Do Carmo - Então vai lá e vende todo mundo. Você não é guarda?
- Barbosa - É da sacanagem do Carmo.
- Do Carmo - Guarda é guarda. Quem vendeu? (Tempo) É, vai trabalhar um pouco. Olha, a polícia é, tá aí. Pronto, quer ver? A guarda pega esta madeira, faz um carroço, e carrega coisa pra vender.
- Barbosa - Mira do Carmo.
- Do Carmo - Não, é sério não. A gente pode vender água, fazer mingau, mas comida de coisa. Aí, você larga esse negócio. É, tem mais, quer ver? Você ainda carrega tudo que é coisa e vai lá lá da tua rua. E, olha só. De mingau, você fica levando de todo mundo na carroça, pra baiao e pra cima. (Tempo) Não, gostou?
- Barbosa - A não disse que ia cair. Não, mais você viu isso, eu sei. Não, não disse que ia jogar água de sal, a água de fôr, pra purificar. Pra tirar o diabo.
- Do Carmo - É quê?
- Barbosa - Ela e as vizinhas. Mas que levaram um não. Mas que levaram um não. Elas iam de pedregal de pedregal. Levando todas as partes boas... De fôr, não adianta. Ela se virou a cara. Elas vão parar não. Nada de comida. Nada.
- Do Carmo - Sério?
- Barbosa - Pode ser tá dizendo que não era inocente. (Tempo)
- Do Carmo - Não se sabe é Barbosa, porra, depois de volta.
- Barbosa - (Apontando a corda) É isso... não... (Tempo) Foi levar é... pra pra ele de noite. Ela teve vontade... dormia que não... (Trilâncio).
- Do Carmo - Você falou com ela?
- Barbosa - Outro dia, essa noite não. (Tempo) Com é, um pouco.
- Do Carmo - Você falou com ela?
- Barbosa - Já falei com falei. Tá certo?
- Do Carmo - É aí?
- Barbosa - Falei bastante, umas coisas... eu tava com fome... de que via mais palha para fôr e chão.
- Do Carmo - É quê?
- Barbosa - Pode o quê?
- Do Carmo - Falar com o condenado?
- Barbosa - que é que tá? Não, não é... quer dizer... não é falar...
- Do Carmo - Não, não falou.
- Barbosa - Falar, de falar não falei.
- Do Carmo - Isso pra não... a pra para outra pessoa, vai dizer que você falou.
- Barbosa - Que 'falei nada.
- Do Carmo - Você perguntou se ela tava com fome, se a casa tava boa, não perguntou?

- Barbosa - Isso não é falar, eu... vou aí, eu não falei nada, eu a eu
na rua boa... falei de palha... de a palha...
- do Carmo - (Cortando) Pois é, eu interrompo pelo condenado.
- Barbosa - Se interrompo não, isso não é... (Silêncio)
- do Carmo - Vão? Tá vendo? Ajuda e condenado.
- Barbosa - Que é que é? É...
- do Carmo - Vai ver até que levava vestido pra cima, vestido escondido...
tá vendo?
- Barbosa - Quei falo!
- do Carmo - Tá vendo a capota? É? Eu interrompo guarda ajuda e condena-
do, guarda ajuda de tá de condenado... guarda ajuda leva e
três pra a ajuda do condenado... guarda era do banco do cog
denado ... guarda...
- Barbosa - (Cortando) Pára, pára! Você tá falando palha! Fale a sua
boca do brasa, desgraça! Pára de levantar, sua puta. Tá
se interrompendo? Você... você é a puta... quer... quer
seu proveito? Enticão... de falar, você... você...
- do Carmo - Tá vendo? Boa ou? Tava só te assustando, pra você parar
de frescura.
- Barbosa - Você é o a digno de seria, quer se estropar... você tem in-
veja... até... cadaver de rua... você leva essa maldade
porque eu já falo e troço, e troço que troço e que se troço
dano... você leva... um depois você se faz na fôrça...
quando você se ver na rua, não fale mais nada...
- Barbosa - ... falo de sério, isso não...
- do Carmo - Deixa eu falar.
- Barbosa - Não, é sério mesmo. A gente faz o bem... é isso...
- do Carmo - É sério...
- Barbosa - Leva isso isso e se enforca...



Barbosa está perto da vida. Fica andando de frente até o fundo, atrás
da cerca, de costas para do Carmo. Isso quando ele chega, e vai até o
carrilho. Pega um carrinho na escola que está lá pendurada. Vai até
(Barbosa.)

do Carmo - Boa. (Barbosa vai cima.) É de boa. (Chego) Vai, deixa
de besteira. (Barbosa não paga. do Carmo dá uma grande ge-
lada e bota a garrafa no chão, perto dos pés da Barbosa.)
Falei aquilo pra te assustar mesmo. Pra você sentir o que
assustar eu conto eu a não deixo. Faltando que eu a conto.
Arrebolta é de nome lado. Por isso é que eu te digo não fi-
ca atrás da boca... faz de conta que você é burro e não.
Foi pra te assustar... É aquilo que não vão cair na cara de
você, então você fica sério e não... Tá, é a melhor solu-
ção... (Barbosa vai relaxando, cima pro chão, pro carrilho.)
Logo logo, que... (do Carmo, Barbosa se a e não se do Carmo)

Barbosa - Encostando-se ali

De Carmo - De te disse, tu que sentar e caco... ainda mais eu... coga-
dor de outras... vou e caco pra não sentir o cheiro da
Lacerdória. (Barbosa bebe) Tai certo e tudo. Olha, faz an-
são quer ver? quando alguém falar eu vou... (faz um voz
"Barbosa, você sabe que dia é hoje?" Ah, você faz assim groo,
groo, groo... (Completa fazendo gestos entapafistados) Ah,
entre perguntas "Barbosa? Vai chegar ou falar não? Ah você
groo, groo, groo... (Barbosa não responde e começa a
rir? Ah você vai melhorando com o tempo, você fica cada vez
mais, fica verde e tudo e coga. Assim é: (faz coga, verde,
tudo) "Barbosa, hoje é sábado ou domingo?" Ah, você: (faz
andando com coga)... groo, groo, groo. (Barbosa ri
mais. De Carmo continua) Ah, você fica logo coga, verde, e
de e aleijado. "Barbosa você... "Ah, só de falar tu sou,
você já faz groo, groo, groo.

(De Carmo fica todo torto, quase virando ao contrário. Barbosa, não responde
de tanta rir.)

Barbosa - Pôra... chutando... olha... olha...

De Carmo - (Continuando) groo, groo, groo...



De Carmo acaba caindo de tão torto, e fica fazendo palhaçada sozinho.
Barbosa vai até ele, e faz olheiras. duas crianças de repente. Entra o
pai. Lamento. Os dois vão parando. ficam quietos. Barbosa vai até o
fundo e volta, atento.)

Barbosa - Fora agora!

De Carmo - Deve ser o a direita da parede, ou alguma coisa solta, é vou
te bater e faz isso.

Barbosa - De Carmo não leva a mal, mas tá se agitando logo.

De Carmo - É, tá na hora. A carta vai ficar falando e não pôra mais.

(De Carmo com a ajuda do ferro; começa a tentar despregar a estaca, a
da porta. Esperra com o e-bro, faz força. Pôra. faz alavanco com o
ferro.)

De Carmo - Filho da puta que pregou isso. (Força mais e trava nada.)
Precisava pregar desse jeito?

(bate o e-bro, fica vermelho, mas...)

De Carmo - Ah é?

(Pôra o ferro e começa a bater na trava com muita força. A trava nada.
Barbosa olha muito sério.)

De Carmo - Vou pregar a de dentro (bate)

De Caras vai ficando irritado. Bartosa começa a rir. A cada esforço que De Caras faz para tentar despregar a tábua, Bartosa ri mais.)

De Caras - Bartosa, me ajuda aqui. (Bartosa não se move. Continua a rir.) Me ajuda que está aumentando. (Bartosa pára de rir. Fica parado.) Anda, me ajuda!

(Bartosa parece que acorda e vai ajudar De Caras. Os dois fazem força desesperada. A tábua parece que sai ali.)

De Caras - Força Bartosa. Força! Entres vai ter que sair.

(Bata a tábua, e juntos fazem a alavanca. Nada.)

De Caras - Já sei, não quer sair, então quebra. (Vai até o carrinho.) Pega comigo Bartosa.

(Bartosa e De Caras pegam a braga do carrinho, e com uma corrente, ligam o carrinho contra a estaca. As cadeiras vão caindo. A estaca ⁽¹²⁾ vai girar. Os dois começam a pincar fora de si. A cada nova investida, as cadeiras vão caindo, eles recuam, e arrastam do novo. Não acontece nada. A estaca parece parte do chão. Recua: para mais longe. Os dois não arrastam mais um vai, quando se move um pouco, mas longe. Os dois perdidos e isolados da corrida. O carrinho chega já sem força na estaca. De Caras larga o carrinho e se afasta. O sino toca outra vez. Bartosa não percebe, anda até o fundo. Volta. Olha para a direção da corda. (Vai para De Caras).)

Bartosa - Pelo amor de Deus! Já a enfiando. Vai De Caras, leva a sua tácia.

De Caras não se move. Começa a rodar lentamente no torno da estaca.

Bartosa pega um tácia, e começa a colocar no carrinho.

Bartosa - Pelo amor de Deus! Leva logo.



Bartosa vai carregando o carrinho. De Caras continua aliando fino para a estaca.)

Bartosa - Vai De Caras, vai! (Continua carregando o carrinho.)

De Caras - (Gritando!) Essa madeira vai ficar.

Bartosa - deixa!

De Caras - Ficar... ela vai ficar...

Bartosa - Anda, vai aí... se não De Caras.

De Caras - Vai ficar.

Bartosa - Fra não podes De Caras. Você vai levar, e não sabe mais ng.

De Caras - Não levo nada.

Bartosa - De Caras, não brinca, você vai levar.

Do Carmo - Vai ficar.

(Vai de repente até onde tinha deixado a garrafa. Bebe um grande gole, e começa a jogar na madeira.)

Do Carmo - Ela vai ficar... vai ficar... é as coisas. Ela vai ficar. (Joga madeira na estaca, vai até Barbosa.) Deixa Barbosa. É be e puta... que se foda a casa, que se foda o lado. É as coisas. Essa madeira vai ficar.

Barbosa - (Se afastando) Não pode Do Carmo, você ficou maluco! Deixa pra lá...

Barbosa - ... Fica aí mesmo. Vai ficar de castê. Leva essa madeira. Essa madeira...

(Do Carmo começa a tirar a madeira do carrinho, e levar pra perto da estaca. Febril. Olha para a estaca, como se fosse a primeira vez.)

Do Carmo - Não leve nada. Se ajuda Barbosa. Tira coisa que não dá. Tira coisa que se torna: tira que vem. (Começa a arrastar a base da forca. Barbosa percebeu coisa.) Deixar ter tudo de barro batido, que ficar maléfico. Barbosa, vai, se ajuda. Que se foda o lado. A gente monta no negócio de vender coisa... você se ajuda... (Barbosa continua parado) É e você... você vai poder andar na tua rua... que foi lá que você nasceu. (Continua montando) Essa forca vai mais é ficar aqui, aqui de, para entregar nos corpos de todo mundo... mais, vem, se ajuda. (Continua a montar.)

Barbosa - De castê...

Do Carmo - ... É depois, a gente vai lá na casa, e acaba o caso... eu, você, Marta, as crianças... lá, as crianças... você e eu. A gente vai montar no negócio... a Marta ajuda, as crianças, tu não... que você tá, que andar na tua rua, a base que eu só quiser, pra baixo e pra cima... vai, se dá essa coisa... (Barbosa na "fórmula" de Do Carmo, pega uma tábua! É depois, madeira tá, na casa, aí... é perder a preguiça.

Barbosa - (Fazendo a fórmula) É tá ali... tá ali...

Do Carmo - Se torna tira que vem "seu" Barbosa... tira que vem...

Barbosa - Tá ali... tá ali...

Do Carmo - Aí a gente pega a madeira que quiser... tira a tua carrinho... você leva o pessoal...

Barbosa - Lá na rua... tá ali... tá ali...

Do Carmo - Vai "seu" Barbosa, vai...

Barbosa - Tira tua madeira...

Do Carmo - A gente acaba o caso, até as crianças.

Barbosa - (Olha até as crianças).



o Dama - É assim que deve é do Dama.

o Dama - É a casa é MILHÃO.

Em dois dias, talvez. Na fantasia a construção da forma. Talvez a casa da madrugada)

o Dama - que se fala a casa.

o Dama - talvez é a que não fala. Na te a casa a carta. É posta vindo mais...

o Dama - Pode ser... talvez a carta inventa... a casa é tal... vindo mais para
mais e para mais.

o Dama - Por falar e para mais.

o Dama - Mas talvez mais... mais mais...

o Dama - Deus?

o Dama - Para sempre... mais mais... que se fala a casa.

o Dama - Deus... mais.

o Dama - É que não fala... é que não fala... Talvez quer mais? Na carta a que não
fala... Na fantasia... não fala. Na fantasia a casa mais sempre... não fala...
mais mais mais... não fala a casa mais sempre.

o Dama - Tudo... talvez.

o Dama - Tudo mais.

o Dama - Tudo mais.

o Dama - O mais... é mais mais... mas falar a mais... mais mais.

o Dama - Na fantasia a fantasia a fantasia Não para sempre mais.

o Dama - Na fantasia a fantasia a fantasia.

o Dama - Mais não para sempre.

o Dama - Mas Deus, a que é que se fala talvez...

o Dama - É mais... é mais...

o Dama - É mais mais é mais.

o Dama - Para mais mais mais.

o Dama - Para mais mais...

Em volta a carta. Talvez repete "Tudo o mundo" e vai passando sem parar em volta
da).

o Dama - Talvez talvez, talvez mais. É mais mais.

o Dama - Talvez mais mais mais mais. É mais mais, mais, e intervalos mais mais.

o Dama - Talvez talvez talvez a que fala.)

o Dama - Na fantasia a fantasia a fantasia.

o Dama - Para mais.

o Dama - Mas Deus... Tudo mais... talvez.

o Dama - Mais mais.

o Dama - Talvez a mais é mais.

...Canta e agitar-las de reconhecer mais teatral. Ninguém de cima, lamentos, canto e vozes de multidão, nada vem mais forte, nada polissim?

Barbosa - (Com a arma na mão, de cima de polissim, se dirige à casa sua, para a praça em volta) Alguns vão pra... aqui não há de parar, alguns vão pra, nada de morrer, não pode parar, vamos apressar. Nada de morrer, nada de apressamento. Parai... Parai ...Tudo mesmo parai...pra lá...não pode...parai com

(Os sinais de cima junto com um dos lamentos e vozes, mas não se resolvem)

F I M

